



**DA MESA AO SUJEITO: MARCAS IDENTITÁRIAS NO DISCURSO
PUBLICITÁRIO DA CULINÁRIA NORDESTINO-PARAIBANA**

**FROM THE TABLE TO THE SUBJECT: IDENTITY MARKS IN THE
ADVERTISING DISCOURSE OF NORTHEASTERN PARAIBAN COUISINE**

Edileide Godoi¹

RESUMO: Considerando que a Análise do Discurso francesa compreende o sujeito como um ser social, constitutivamente disperso, heterogêneo, que pode ocupar diferentes posições sociais, relacionadas a determinadas formações discursivas (FDs) e ideológicas (FIs), este trabalho tem por objetivo discutir como vêm sendo construídas marcas identitárias do homem paraibano no discurso culinário que circula em nossa sociedade. Para isso, selecionamos dois sites ativos na internet, voltados para turistas. Ambos apresentam a gastronomia e a cultura da Paraíba. Nosso estudo levará em conta a noção de identidade intrinsecamente ligada à noção de sujeito, isto é, as identidades se constituem em diferentes momentos e lugares, conforme os vários papéis sociais que estamos exercendo. O referencial teórico é o da Análise do Discurso e seus diálogos com os estudos culturais que nos levaram a compreender, na emergência discursiva dos enunciados, como as marcas de identidade são produzidas pelos sujeitos e para os sujeitos.

Palavras-chave: Sujeito; Identidade; Discurso culinário.

ABSTRACT: Considering that French Discourse Analysis understands the subject as a socially constituted, inherently dispersed, and heterogeneous being capable of occupying various social positions related to specific discursive formations (FDs) and ideological formations (FIs), this work aims to discuss how identity marks of the Paraiban man have been constructed in the culinary discourse circulating in our society. To achieve this, we have selected two active websites on the internet, aimed at tourists. Both showcase the cuisine and culture of Paraíba. Our study will take into account the notion of identity intrinsically linked to the concept of the subject, meaning that identities are formed at different moments and places, depending on the various

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atualmente é professora da Universidade Estadual de Pernambuco (UPE) e professora assistente também da UFPB. Email. edileide.godoi@upe.br

social roles we are performing. The theoretical framework is that of Discourse Analysis and its intersections with cultural studies, which have led us to understand, in the discursive emergence of statements, how identity marks are produced by subjects and for subjects.

Keywords: Subject; Identity; Culinary Discourse.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho traz um recorte da pesquisa realizada em nível de Mestrado, vinculado ao programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING/UFPB). O objetivo da pesquisa foi analisar os processos de identidade paraibana que vêm sendo construídos nos textos de propagandas em que circulam o discurso da culinária nordestina.

Mas como definir uma identidade paraibana, na “modernidade líquida”, uma vez que não há mais uma identidade fixa, estável com a qual possamos nos reconhecer enquanto indivíduos sociais?

Para alguns estudiosos no assunto como Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva, Zygmunt Bauman, Kathryn Woodward, entre outros que trabalham com identidade numa perspectiva cultural e discursiva, a identidade fixa, estável, é uma fantasia, pois com os avanços tecnológicos, midiáticos e com a globalização, diferentes culturas são postas em interconexão, fazendo com que práticas sociais sejam continuamente reformadas. A identidade, antes vista como um processo unificado, fixo, na contemporaneidade, tem um caráter descentrado e fragmentado. Conforme Hall (2001), na sociedade moderna, ela permanece sempre incompleta, em “processo”.

Nessa mesma perspectiva, Bauman (2005) concebe a identidade como um quebra-cabeça *incompleto*, faltando muitas peças e jamais se saberá quantas. Para ele, uma identidade fixada, única, solidamente construída, neste mundo líquido moderno, seria um fardo, uma limitação da liberdade de escolha. “Seria um presságio da incapacidade de destravar a porta quando a oportunidade estiver batendo” (Bauman, 2005, p. 60).

Para esses pesquisadores, a identidade, “na modernidade tardia”, é uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados nos sistemas culturais que nos rodeiam, o que nos levam ao fato de que, para se discutir a identidade, é preciso levar em conta um contexto sócio-histórico cultural que influencia e organiza a produção dos discursos.

É sob o enfoque da Análise do Discurso francesa e seus diálogos com os Estudos Culturais que desenvolvemos este trabalho, justamente porque essa teoria nos permite trabalhar o sujeito e sua identidade levando em conta esse espaço sócio-histórico cultural, nos permitindo também analisar quais as marcas discursivas da cozinha² nordestina que apresentam traços identitários da Paraíba.

Ao longo de nossa pesquisa, surgiram vários pontos de interrogação, por exemplo; o que permitiu que fossem escolhidas “estas” práticas discursivas e não outras em seu lugar? *A que ordem do discurso* estão submetidos os enunciados dos textos de propaganda para que eles possam efetivamente existir? Quais as relações de poder que permeiam essas representações? E por fim, até que ponto nos

² O conjunto de pratos ou iguarias que caracterizam os hábitos alimentares de um país ou de uma região (Houaiss, 2001).

representamos enquanto indivíduos inseridos em um lugar determinado num dado momento histórico na “modernidade tardia” (Bauman, p. 2005), num mundo pós-globalizado, que opera por relações de inclusão e exclusão?

O *corpus* escolhido para esta pesquisa, é importante que fique claro, não trata da gastronomia nordestina regional, e sim de textos de propaganda que apresentam, em sua materialidade linguística (verbal e não-verbal), o discurso culinário³ nordestino-paraibano que circula através do discurso midiático.

Para tratar o discurso culinário, que se faz presente no gênero discursivo propaganda, enfocaremos estudiosos no assunto como Michel de Certeau - tratando do papel da comida no cotidiano da sociedade -, Luís da Câmara Cascudo - fazendo um apanhado histórico e sociológico da cozinha brasileira -, e Wills Leal abordando as particularidades da culinária nordestina.

A fim de observarmos como as marcas culturais e os valores sociais são definidores de identidades, analisaremos um conjunto de documentos selecionados que não apresentam uma linearidade histórica, mas fornecem possibilidades de análise de frações do saber, de práticas discursivas. São textos de propagandas, nos quais circula o discurso da culinária regional nordestino-paraibana, veiculados em diferentes suportes impressos. Para este trabalho, em especial, selecionamos dois *sites* de turismo⁴: um do estado da Paraíba e o outro destinado a apresentar todos os destinos do Brasil, ambos em circulação no ano 2023. Nestes *sites*, analisaremos como os discursos em torno da culinária paraibana são divulgados como marcas identitárias paraibanas.

2 AD: UMA ÂNCORA DE ANÁLISE DISCURSIVA

Na busca de um suporte teórico-metodológico para empreender as diversas leituras possíveis de um texto, entramos no terreno arenoso da Análise do Discurso francesa (AD), uma ciência em que a análise precede a própria teoria (Maldidier, 2003, p.12). Fundada pelo filósofo Michel Pêcheux, no final dos anos sessenta, esse campo do saber tem como objeto de estudo o discurso – lugar teórico em que se entrelaçam questões sobre a língua, o sujeito e a História.

Durante todo percurso dessa teoria houve diversos “diálogos e duelos” que surgiram entre seu fundador Michel Pêcheux e outros teóricos como Bakhtin e Foucault. Diálogos indispensáveis para a construção do “edifício teórico” da Análise do Discurso. Esses “fundadores de discursividades” (é assim que Gregolin os concebe) desestabilizaram certezas sobre a língua, sobre o discurso, sobre o sujeito, sobre o sentido. Ainda de acordo com essa estudiosa da AD francesa,

Eles construíram as bases para que possamos pensar, hoje, nas relações entre a língua e o discurso, na não - evidência dos sentidos, nas articulações da subjetividade com alteridade, nas determinações ideológicas, no diálogo, na intertextualidade, na interdiscursividade [...] construíram a possibilidade de novos olhares para o texto, para os processos discursivos que os sustentam (Gregolin, 2001, p. 30).

³ Neste trabalho, a culinária nordestino-paraibana é analisada segundo Certeau (1994), que a concebe como uma prática sócio-cultural que se ordena em cada região segundo um código detalhado de valores, de regras e de símbolos, em torno dos quais se organiza o modelo alimentar de uma área cultural num determinado período.

⁴<https://www.ecoturismoecultura.com.br/blog/onde-comer-em-joao-pessoa-o-que-comer-culinaria-paraiba-n19> e <https://todosdestinos.com/nordeste/paraiba/culinaria-paraibana/>

Essa abertura da AD francesa para novos pensadores, segundo Gregolin (2001) se dá na obra de Pêcheux *Discurso: estrutura ou acontecimento* a partir de dois universos discursivos: os logicamente estabilizados e os não-estabilizados. A Análise do Discurso toma como objeto de análise, os discursos não-estabilizados. Isso ocorre porque os universos discursivos logicamente estabilizados operam sobre estratégias de interpretação do indivíduo, considerado a fonte e origem de informações adequadas para a construção do sentido. Fato incoerente para AD francesa, devido a essa teoria reconhecer que a condição essencial da produção e da interpretação reside na existência de um sujeito não-empírico, não individual, que fala a partir de “posições sociais” inscritas em de um corpo sócio-histórico, e não no domínio individual do sujeito psicológico. Assim concebe Gregolin (2001, p. 23-24):

Nos universos discursivos logicamente estabilizados ocorre um fechamento metalinguístico da situação da interpretação na qual supõe que o sujeito opera por meio de estratégias cognitivas com base nas informações que ele dispõe. A partir da existência de um conjunto estruturado de operações localizadas no sujeito, considera-se que ele é *capaz de construir o sentido adequado* de uma sequência dada, com referência ao universo discursivo, estável logicamente, em que ele se insere [...] não é de se estranhar, portanto, que os espaços dos universos discursivos estabilizados constituam o espaço privilegiado da aplicação das teorias psicológicas do sujeito epistêmico [...]. Nos espaços discursivos não estabilizados, a língua natural não é uma ferramenta lógica mais ou menos infalível, mas um espaço privilegiado de inscrição de traços languageiros discursivos, que formam uma memória sócio-histórica. É esse corpo de traço que a análise do discurso toma como objeto, com o objetivo de construir corpora heterogêneos e estratificados, que estão em reconfiguração permanente.

Analisaremos os enunciados em torno da culinária nordestino-paraibana dentro desse conjunto de discursos do cotidiano, o qual traz como condição de interpretação, um corpo sócio-histórico de traços discursivos exteriores e anteriores à sequência dada.

Para o trabalho com a culinária, enquanto prática sócio-cultural, nos basearemos em teóricos como Michel de Certeau, o qual vê a prática culinária com papel central na vida das pessoas, seja de quaisquer classes sociais; Wills Leal, para discutirmos a culinária nordestina; Lívia Barbosa, para tratar da culinária como prática cotidiana, além de Luís da Câmara Cascudo com sua obra, *História da Alimentação no Brasil*, dando-nos o privilégio de pesquisar os desconhecidos saberes e sabores de nossa cozinha brasileira e, por fim, Nestor Garcia Canclini para o trabalho da culinária enquanto produto de consumo.

Tendo em vista as mudanças teórico-metodológicas no campo da AD Francesa, para melhor compreensão do seu objeto de estudo (o discurso), definiremos no decorrer de nossas análises alguns conceitos consolidados nesse campo do saber como: discurso e enunciado, interdiscurso, memória discursiva, sujeito e sua relação com a identidade.

3 TRAÇOS IDENTITÁRIOS PARAIBANOS

Para traçarmos esse percurso em que o homem nordestino paraibano se identifica com suas particularidades, selecionamos um conjunto de enunciados publicitários que trazem no fio discursivo a culinária nordestino-paraibana. Entretanto, para este espaço em particular, selecionamos dois *sítes* que aborda determinados pratos como tipicamente paraibanos.

O primeiro *site* (<https://www.ecoturismoecultura.com/br/>) tem circulação atuante desde 2012. O texto (verbal e não verbal) enfatiza a tradição culinária degustada na Paraíba.

Na Figura 1, observamos que ocorre o resgate de uma memória social, coletiva, regional na Formação discursiva da culinária nordestino-paraibana, atravessada pelo discurso turístico.

Figura 1 – Imagem do site do ecoturismoecultura.com



Fonte: <https://www.ecoturismoecultura.com/br/blog/onde-comer-em-joao-pessoa-o-que-comer-culinaria-paraiba-n19>

O texto imagético da propaganda enuncia ***“Comidas típicas da paraíba: do litoral ao interior”***. O enunciado que antecede a imagem acima é: ***“o que comer em João pessoa: a culinária sertaneja”***. A imagem da comida sertaneja sobressai na página em relação as demais. As imagens da gastronomia (típica paraibana) são seguidas de toda uma história que conta o nascimento da comida, em relação ao prato apresentado na imagem – buchada - que é no sertão onde a culinária apresenta uma maior singularidade, relacionando toda prática gastronômica desse prato a escassez dos vegetais frescos, devido à frequente falta de chuva, sua culinária nos produtos estocáveis e animais resistentes à seca, como o bode. Tudo isso acompanhado do texto visual, apresentando pratos típicos do litoral ao sertão, bolo de milho, o pé-de-moleque, a tapioca, comidas que normalmente estão na mesa do paraibano.

Não podemos deixar de salientar que a prática da culinária nordestina está fortemente ligada a vários ciclos festivos e religiosos. Segundo Leal (2001), a alimentação e a mesa são, em geral, espaços privilegiados em que se manifestam, espontaneamente, as particularidades culturais, as reivindicações nacionais e as tendências religiosas.

Nesse enunciado imagético, por exemplo, as comidas nos remetem à tradicional festa do Bode Rei que acontece anualmente em Cabaceiras, no Cariri Paraibano. O evento tem como foco central a valorização do um animal que faz parte de um conjunto de elementos sociais e culturais próprios do cariri ao sertão, ou seja, o bode. Isso devido à sua resistência aos fatores climáticos e escassez de água. O bode acaba sendo a fonte de alimentação mais acessível, quando não a única de muitos paraibanos que vivem nas regiões do cariri ao sertão.

O “São João”, na Paraíba, é outra festa bem significativa e é retratada no *site*, apresentando sua culinária e músicas. O “São João” (modo pelo qual se referem os nordestinos ao ciclo de festas do mês de junho) é a expressão máxima de nossa cultura, unindo elementos regionais da música (forró), da dança (quadrilha), da gastronomia (comida de milho e outras iguarias próprias para comemorar esse grande evento), do artesanato e da poesia.

Em Campina Grande acontece “o maior São João do mundo”. São trinta dias de festa que, além de resgatar a tradição nordestina, contribuem para divulgar a cultura, estimular o crescimento de novos valores nas artes e posicionar a Paraíba e o Nordeste em lugar de destaque nacional e internacional.

Acredita-se que as festas juninas têm origens no século XII, na região da França, com a celebração dos solstícios de verão (dia mais longo do ano, 22 ou 23 de junho), vésperas do início da colheita. Como aconteceram com outras festas de origem pagã, estas também foram adquirindo um sentido religioso, introduzido pelo Cristianismo, trazido pela Igreja Católica ao Novo Mundo. A comemoração das festas juninas é certamente herança portuguesa no Brasil, acrescida ainda dos costumes franceses que a ela se mesclaram na Europa e, que logo foram adaptados à realidade sócio-cultural do Brasil, mas principalmente, aos costumes nordestinos.

É interessante notar que não apenas o dia propriamente dito, mas todo o mês de junho é considerado como tempo consagrado aos santos (Santo Antônio, São Pedro e São João), na região Nordeste e, principalmente, às vésperas dos dias santos, que é quando se realizam os sortilégios e simpatias, a parte mágica da festa típica do Catolicismo Popular. Inúmeras adivinhações a respeito dos amores e do futuro (com quem se vai casar, se é amado ou amada, quantos filhos se vai ter, se vai morrer jovem ou ganhar dinheiro etc.) são feitas nessas datas religiosas, em geral de madrugada. No São João, essas tradições religiosas entrecruzam-se ao profano, constituindo uma identidade sincrética para o povo nordestino-paraibano, principalmente para a população do interior.

Mas vale ressaltar que as festas juninas, especialmente, no Nordeste, vêm se transformando, atualizando-se em função das expectativas dos participantes, demonstrando a grande capacidade adaptativa das tradições, capazes de se reinventarem sempre que necessário. Por exemplo, nas festas juninas, o tradicional forró pé-de-serra fica em suspenso para dar lugar às bandas de forró eletrônico (Aviões do Forró, Calcinha Preta, Capim com Mel, Mastruz com Leite, Gatinha Manhosa etc.). Essas bandas invadem o Nordeste em época de São João. Devido ao desenvolvimento dos meios de comunicação e à descoberta das festas como produto turístico, as grandes festas populares brasileiras ganharam espaço na mídia

e, a partir disso, recursos do Estado para sua implementação como eventos oficiais. Assim, as festas juninas estão sendo redescobertas e redefinindo identidades.

Em Campina Grande na Paraíba, onde se comemora “o maior São João do mundo” são significativas as transformações na festa tradicional e o modo como estão se inserindo na modernidade. A festa junina tem absorvido elementos novos sem abandonar suas principais características, mediando as relações entre tradição e modernidade. Esse fato permite que o nordestino-paraibano se inscreva nos costumes atuais sem perder seu vínculo com os valores que se inscrevem em outro momento histórico.

De acordo com Ferreira e Orrico, a difusão de práticas sociais “memorialistas” surge como resistência à perda de um passado mais confortável, estável, previsível.

O medo do esquecimento no mundo contemporâneo, principalmente nos grandes centros urbanos, está relacionado à crescente disponibilidade da memória, uma decorrência do desenvolvimento tecnológico dos recursos da mídia, da percepção de sua temporalidade e da consciência de sua fragmentação (Ferreira; Orrico, 2002, p. 8).

O fato é que essas referências estabilizadas no imaginário de um grupo, comunidade ou nação, e que de alguma forma, constituem a sua identidade, ao se deslocarem de um contexto histórico a outro, opondo-se ou reafirmando dizeres, se inserem em práticas que revelam novas ancoragens, permitindo a reavaliação entre presente, passado e futuro.

Neste *site*, o efeito de identidade é construído pelo regional, pois o próprio enunciador salienta que esses são pratos, (canjica, pé-de-moleque, buchada, tapioca, frutos do mar, rubação etc.) e festas que contam um pouco da história paraibana. No entanto, o atravessamento do discurso turístico tentando persuadir o turista de diferentes partes do país pelo efeito de empatia não deixa esquecer que esses valores culturais paraibanos fazem parte de uma cultura nacional. Esses sentidos são construídos tendo em vista que o *site* se inscreve em um contexto acompanhado pelo vocábulo Brasil, dando a entender que Paraíba faz parte do Brasil. Logo, os valores culturais paraibanos fazem parte desse conjunto mais amplo da cultura nacional.

Para Hall, embora uma identidade nacional seja representada como unificada, uma cultura nacional é construída por diferenças culturais internas.

Uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. [...]. A maioria das nações consiste de culturas separadas que foram unificadas por um longo processo de conquista [...]. Elas são atravessadas por profundas divisões internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural (Hall, 2001, p. 59-62).

Desse modo, é a partir dessas diferenças culturais que se instauram no interior dessa identidade nacional, que a Paraíba é identificada. Diferenças que neste texto se estabelecem via discurso da prática culinária, mas que nos remetem às tradições culturais das singularidades da gastronomia e de suas festas.

No segundo site (<https://todosdestinos.com/nordeste/paraiba/culinaria-paraibana>), entrevemos que todo enunciado é constituído pela singularidade e repetição. Portanto, essa análise continua, em sua dispersão enunciativa, buscando as regularidades que permitem que se construam marcas identitárias paraibanas.

A imagem da Figura 2, divulgada logo na abertura da página, busca apresentar a Paraíba, em sua materialidade verbo-visual, retomando o discurso culinário “tipicamente” nordestino-paraibano que se inscreve no fio enunciativo da culinária do sertão desse estado.

Figura 2 – Imagem do site todosdestinos.com



Fonte: <https://todosdestinos.com/nordeste/paraiba/culinaria-paraibana/>

O enunciado imagético-discursivo apresenta elementos relevantes na construção da identidade paraibana como: a buchada de bode, apresentada de maneira sofisticada, com um toque entre o singular e especiarias nacionais (como as verduras, o limão, o vinagrete...) e a materialidade verbal enunciada como: **“Culinária paraibana: mistura, influência e sabores irresistíveis”**. Unindo aos enunciados imagéticos, os enunciados verbais põem em jogo relações históricas, valores culturais e sociais tipicamente nordestinos, abrindo um conjunto de posições subjetivas paraibanas que estão na base da história da Paraíba. A presença dos negros, dos indígenas e dos povos europeus é marcante em nossa cultura, uma vez que esses povos deixaram marcas irreversíveis em nossa cultura.

Em um primeiro momento, percebemos nesse texto que o enunciador tenta persuadir o consumidor, apoiando-se no conjunto de enunciados imagéticos bastante significativos tanto para o contexto histórico nordestino como para um efeito mais amplo, entre o novo e o já conhecido, estabilizado. Ou seja, conforme Foucault (2005), um enunciado que se propõe a partir de um mesmo sistema de formação, mas que em sua singularidade dá-se uma existência específica.

O site propõe nas condições de emergência desses enunciados a culinária nordestina, articulando o já dito e aceitável - a sofisticação e apresentação do prato - e a singularidade emergencial do dizer - a buchada, uma comida feita das vísceras do bode, alimento pouco consumido por pessoas de outras regiões diferente da nordestina. Desse modo, busca convencer “o turista a provar a comida “típica da Paraíba”. Esses elementos que se inscrevem no novo são marcas tipicamente nordestino-paraibana que, há muito, estão discursivizadas em diversas formações discursivas como próprias da região Nordeste.

No entanto, essas imagens percebidas em diferentes discursos, seja nos ditos ou nos silenciamentos, não dizem nada por si mesmas, elas só se representam enquanto parte de uma cultura, “[...] a qual não pode ser entendida sem referência à realidade social de que faz parte, a história de sua sociedade” (Santos, 2007, p. 47).

Simultaneamente a esses jogos enunciativos nordestinos que se representam pelas imagens do bode, do sertão, da miscigenação de raça, das dificuldades políticos-geográficas, são ideias que simbolicamente representam bem a região do Nordeste, em especial a Paraíba no contexto nacional, quiçá internacional.

Esses recursos expressivos, diga-se, estereótipos criados em torno dos valores nordestino, são nesse *síte* silenciados, visto que, sendo um *síte* de alcance internacional, apaga marcas negativas em torno da cultura nordestino-paraibana. Esse silenciamento, de certo modo, aflora no indivíduo paraibano o resgate aos seus bens sócio-culturais, pois, à medida que há um apagamento, não há um reconhecimento desses novos dizeres. Emerge daí uma ausência de tudo que lhe representa e não se apresenta no fio discursivo. Para Silva (2000), no sistema de representação de um grupo, é extremamente comum o apelo a mitos e narrativas fundadoras, em torno dos quais se possam ligar pessoas, reunindo-as em grupos, comunidades e nacionalidades específicas. “É necessário reunir, criar laços imaginários para que os indivíduos não se sintam isolados”. E acrescenta ainda, que “[...] a língua tem sido um dos elementos centrais desse processo” (Silva, 2000, p. 85).

Outro fato relevante, ainda se tratando da materialidade exposta nesses *sítes*, diz respeito à ausência da variação linguista tão marcante no Estado. A particularidade em torno da linguagem paraibana é silenciada para dar lugar à normatividade proposta nos compêndios gramaticais vigentes. Esse fato nos leva a refletir quão é importante a alteridade e as relações de poder que permeiam os sujeitos e seus dizeres. Por exemplo, para definir a culinária tipicamente paraibana, *sítes* colocaram, em relação aos outros (bares e restaurantes de João Pessoa que também apresenta comidas de diferentes lugares ou conceitos, como cozinha mediterrânea). Para isso, são apresentadas as singularidades que estão ligadas a todo um contexto sócio-cultural e geográfico específico da Paraíba em relação a outras comidas de outros lugares.

Isso significa dizer que os outros, por bons que sejam, não são paraibanos, o que necessariamente, implica relações de poder, relação de incluir/excluir (quem fica dentro e quem está fora, quem pertence e quem não pertence).

Todos esses fatos perceptíveis na materialidade linguística verbal e não-verbal, nos permitem acolher, em “pleno vôo”, uma série de significados a respeito das práticas sociais do homem nordestino; são sentidos que já foram discursivizados, inscritos em outro lugar, em outros momentos, dentro de uma rede de outros elementos, outros fatos, mas que se ligam interdiscursivamente através de uma memória discursiva a esse conjunto cultural popular do Nordeste. Segundo Gregolin (2003), valores que são transmitidos de geração a geração através da memória coletiva e permanecem no imaginário social, através de “mitos” e “narrativas”, bem como através de práticas sociais vivenciadas cotidianamente.

Considerando que na AD, o discurso é produzido por um sujeito construído a partir de um lugar sócio-histórico específico, podemos perceber que a História incorporada à materialidade linguística, nestes textos, sejam no intradiscurso como no silenciamento subjacente, inscrevem-se enunciados dentro de um conjunto cultural particularmente nordestino. São acontecimentos que marcam um lugar, uma época e espaço social específico, demonstrando, simbolicamente, como práticas sociais discursivizadas pelos meios de comunicação, vêm representando o homem nordestino-paraibano.

Segundo Gregolin, em seu texto *Discurso, História e a produção de Identidades na mídia*,

O trabalho discursivo de produção de identidades desenvolvido pela mídia cumpre funções sociais básicas tradicionalmente desempenhadas pelos *mitos* – a reprodução de imagens culturais, a generalização e a integração social dos indivíduos. Essas funções são asseguradas pela ampla oferta de modelos difundidos e impostos socialmente por processos de imitação e formas ritualizadas. Esses modelos de identidades são socialmente úteis, pois estabelecem paradigmas, estereótipos, maneira de agir e de pensar que simbolicamente inserem o sujeito na “comunidade imaginada” (Gregolin, 2007, p. 50).

Esse discurso de representatividade do homem nordestino-paraibano, notório no texto de propaganda analisado, dá-se tanto pela repetição de enunciados em outros textos de propaganda que se inscrevem dentro de uma formação discursiva gastronômica, como pela repetição em outras FDs, como já citado. São símbolos e imagens que constroem certa regularidade em torno dos sentidos a respeito das práticas do homem nordestino. No entanto, essa repetição não teria fundamento se junto a ela não fossem reafirmados determinados valores que se inscrevem em outros lugares, em outros momentos, narrativas exemplares que reafirmam esse espaço social particular.

Esse retorno vem legitimar o discurso do enunciador, através de uma relação de repetição-atualização de sentidos, mostrando que os discursos não estão prontos, acabados, no corpo do texto, mas se reproduzem aquém e além das palavras, em uma exterioridade que é constitutiva de todo enunciado. São formulações que se inscrevem historicamente e que são percebidas interdiscursivamente na articulação com a memória discursiva.

Em relação à História é preciso lembrar que ela não está fora do discurso, ao contrário. Assim salienta Santos (2007, p. 47):

A história não é algo exterior ao discurso, mas é interior a ele, pois o sentido é histórico. Por isso, para perceber o sentido, é preciso situar o enunciado no diálogo com outros enunciados e apreender os confrontos sêmicos que geram os sentidos. Enfim, é preciso captar o dialogismo que o permeia.

Imagens dos elementos culturais paraibanos como a seca, o bode, a buchada, assim como o uso da linguagem regional que são retomadas nos *sítes* (intradiscursivamente e interdiscursivamente) são formulações repetíveis que inserem o sujeito em um momento e lugar determinado. Essa intertextualidade perceptível no discurso da culinária nordestino-paraibana vem ratificar traços discursivos que estão cristalizados no imaginário nacional. São símbolos de representação do homem nordestino-paraibano.

No entanto, é importante frisar que, embora haja essa retomada de enunciados que simbolicamente, não podemos excluí-los como significativos para representação tanto do homem nordestino, como de sua região, eles são ressignificados no contexto sócio-histórico atual, permitindo ao sujeito identificar-se, reconhecer-se em marcas do passado ressignificadas em práticas do presente.

Concebendo a identidade conforme propõe Hall (2001), algo que se forma inconscientemente, ao longo do tempo, estando sempre em processo de mudança, verificamos que, nos *sítes* aqui analisados, o enunciador constrói uma identidade nordestino-paraibana unindo o “tradicional” e o “moderno”. O enunciador, apesar de inscrever o nordestino-paraibano em práticas discursivas específicas, em valores

culturais que representam uma realidade particular, não nega a sua relação com o mundo globalizado. A sofisticação na apresentação dos pratos típicos, a linguagem não regional e não estereotipada – muitas vezes construída pela publicidade para chamar a atenção –, vêm demonstrar um sujeito que, embora não negue sua relação com valores cristalizados e, muitas vezes, estereotipados em nossa sociedade, está inserido em práticas sociais do presente.

Esse fato confirma a proposta de Santos (2007) em relação à cultura, compreendendo-a, não como algo fixo, acabado, estanque, uma coisa com começo, meio e fim. “As culturas humanas são dinâmicas”. A principal vantagem de estudá-las é porque contribuem para o entendimento dos processos de transformação que passam as sociedades contemporâneas.

As marcas discursivas que causam um efeito de identificação são construídas nos discursos através de uma memória fazendo emergir uma cultura, esta por sua vez, constrói sentidos contidos nas histórias contadas sobre a nação, imagens que conectam presente e passado, colocando em evidência fatos relevantes que nos permite compreender melhor o porquê de nos comportamos de uma maneira e não de outra.

Portanto, não é por acaso que o discurso culinário, embora resgate práticas que estão “cristalizadas” na memória coletiva da sociedade nordestina, adapta-se cada vez mais a práticas do presente. Esses discursos vêm mostrar a inserção do homem na sociedade contemporânea, globalizada, influenciada pelos meios de comunicação. Por exemplo, no texto da propaganda analisada, percebemos que práticas do passado se misturam com costumes do presente, e juntos, nesse jogo entre o “novo” e o “velho” vão sendo construídas novas identidades com as quais o sujeito pode se identificar ou não. Para Gregolin (2001), as coisas e os sujeitos não preexistem aos discursos, ao contrário são esses que os constituem.

4 DANDO UM EFEITO DE FIM

Seria muito simplificador para um analista do discurso, que reconhece na materialidade discursiva o equívoco, os atos falhos, a heterogeneidade constitutiva, dizer que o processo de interpretação foi concluído, visto que os sentidos não são transparentes. Ele não está na materialidade linguística pronto para ser “colhido”, ao contrário, eles só podem ser construídos na rede discursiva, no entrelaçamento com outros discursos, com os quais dialogam, estabelecendo relações de vizinhanças e deslocamentos.

Assim, os efeitos de sentido que ecoam no discurso da culinária nordestina, apresentada nos *sites*, são construídos no espaço do repetível, do “mesmo”, que voltam para complementar e construir novas significações, uma vez que é a partir de um pré-construído que os sentidos se constituem. Em cada imagem e enunciado verbal, reaparecem tanto vozes do passado, retomando as mesmas figuras, os mesmos símbolos, os mesmos temas cristalizados na memória social, como vozes do presente que ecoam fatos atuais e particulares dos espaços que o discurso publicitário anuncia.

Dessa forma, o procedimento, que se evidencia na produção dos enunciados aqui analisados, que apresenta marcas identitárias paraibanas, em um espaço específico, é constituído no jogo entre efeitos de paráfrases, por meio da repetição da prática culinária nordestina, e outros valores culturais que vêm para ratificar a particularidade desses enunciados a uma comunidade imaginada, e construir efeitos

de identificação no peculiar, no diferente, na relação entre o “velho” e o “novo” que se instaura para evidenciar acontecimentos em curso.

Partindo de uma relação necessária entre o dizer e as condições de produção desse dizer, o discurso da culinária tipicamente nordestina recorrente na produção dos *sítes* analisados, não surge simplesmente como um retorno; as mesmas práticas, as mesmas receitas, as mesmas técnicas de produção. Há um deslocamento de sentidos que são construídos em um novo momento histórico, sejam pelas imagens, seja pela linguagem verbal, ou pela disponibilidade de novos produtos, novos bens de consumo, novas técnicas de produção, enfim como salienta Foucault (1999, p.26): “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Livia. Feijão com Arroz e Arroz com Feijão: o Brasil no prato dos brasileiros; *In: Revista Horizontes antropológicos*. UFRGS. IFCH. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, ano 13, n. 28, jul/dez. de 2007.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editor Jorge Zahar, 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Alimentação no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 2: artes de fazer**. Tradução: Ephrim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Tradução: Mauricio Santana Dias. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

FERREIRA, Lúcia M. A.; ORRICO, Evelyn G. D. (orgs.) **Linguagem, identidade e memória social**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2005.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso - diálogos & duelos**. São Carlos, SP: Claraluz, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário. A história como espetáculo. *In: GREGOLIN, Maria do Rosário, (org.). Discurso e Mídia a cultura do espetáculo*. São Carlos, SP: Claraluz, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso: o sentido e suas movências. *In: GREGOLIN, Maria do Rosário; CRUVINEL, Maria de Fátima; KHALIL, Marisa Gama*

(orgs.). **Análise do Discurso:** entornos dos sentidos. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2001.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Recitações de mitos: a História na lente da mídia. *In:* GREGOLIM, Maria do Rosário (org.). **Filigramas do discurso:** as vozes da História. Araracara: FCL – UNESP, 2000.

GREGOLIN, Maria do Rosário. AD: descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. *In:* NAVARRO, Pedro (org.). **Estudos do Texto e do Discurso:** mapeamento conceitos e métodos. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

HALL. Stuart. Quem precisa de identidade? *In:* Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HALL. Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LEAL, Wills. **Conquistando o turista pela boca.** João Pessoa, PB: Idéia, 2006.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do Discurso – (Re)ler Pêcheux hoje.** Tradução: Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso uma crítica à afirmação do óbvio;** tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In:* ACHARD, Pierre *et. al.* **Papel da memória.** Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. 4. ed. Campinas SP: Pontes, 2006.

SANTOS, José Luiz. **O que é cultura.** 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. *In:* Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.